

A Indústria Têxtil Brasileira em um Contexto de Transformações Mundiais¹

Antônio Carlos de Campos

- Professor Adjunto do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Doutor em Desenvolvimento Econômico pela UFPR

Nilson Maciel de Paula

- Professor Titular do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná – UFPR
- Doutor em Economia pela University College London, UCL, Grã-Bretanha

Resumo

Este trabalho desvenda um panorama da indústria têxtil mundial e brasileira e suas recentes transformações, tendo como referência as relações de parceria e subcontratação, determinantes de competitividade e da integração entre empresas do setor no plano internacional. Contém uma síntese da visão de complexos e cadeias produtivas e suas manifestação neste setor. Apresenta o “estado da arte” relativo à dinâmica competitiva dessa indústria, tanto em nível nacional como mundial. Evidencia a nova dinâmica de concorrência por meio de novas formas de organização industrial e os principais países envolvidos neste processo. Mostra o desempenho do segmento têxtil no Brasil no contexto de maior concorrência internacional e abertura de mercado. Destaca a dimensão e as transformações recentes ocorridas no segmento têxtil brasileiro, enfatizando sua distribuição geográfica e as relações com o setor externo, o deslocamento de firmas entre regiões e o padrão de comércio internacional com que se defrontam as empresas nacionais. Conclui que após experimentar um declínio nos anos 1990, essa indústria se recupera a partir de 2001, mas sua configuração espacial permanece inalterada, com a região Sudeste ocupando a primeira posição nos setores de fiação, tecelagem e confecção, enquanto a região Sul, no de malhas. Já a indústria da região Nordeste foi a que mais cresceu em todos os segmentos.

Palavras-chave:

Indústria têxtil; Fiação; Tecelagem; Malharia; Confecção.

¹ Este artigo tem por base a análise sobre a indústria têxtil contida em Campos (2004).

1 – INTRODUÇÃO

As novas formas de organização industrial têm sido objeto de investigação, principalmente no que se refere aos determinantes de competitividade. No caso da indústria têxtil, essa discussão tem dado ênfase particular aos diferentes segmentos que a compõem e suas formas de relacionamento. Em muitos países, têm prevalecido as relações de parceria e subcontratação de etapas do processo produtivo, indicando as novas formas de organização da indústria em busca de competitividade. Esse aspecto constitui o eixo da análise desenvolvida neste trabalho, tratando a indústria têxtil a partir das transformações que têm ocorrido nos últimos anos no Brasil e no resto do mundo. As mudanças aqui identificadas têm resultado em novas formas de organização da indústria, especialmente aquelas que se baseiam em relações mais intensas entre os agentes envolvidos, extrapolando, inclusive, as fronteiras nacionais.

Nessa perspectiva, este trabalho desvenda um panorama da indústria têxtil mundial e brasileira e suas recentes transformações. Para tanto, o trabalho está dividido em três grandes seções, além desta introdução. A primeira parte contém uma síntese da visão de complexos e cadeias produtivas e sua manifestação nas atividades dessa indústria. O objetivo dessa seção é evidenciar os determinantes da competitividade referentes às novas formas de relacionamento entre empresas.

O “estado da arte” relativo à dinâmica competitiva dessa indústria, tanto em nível mundial quanto nacional, é apresentado nas seções 2 e 3, respectivamente. Na seção 2, evidencia-se a nova dinâmica de concorrência por meio das novas formas de organização industrial e os principais países envolvidos nesse processo. O pano de fundo da análise desenvolvida nessa seção é definido pelas várias transformações ocorridas no comércio mundial, principalmente as tecnológicas, e pelas formas através das quais as empresas têm-se adaptado a esse processo. Nesse sentido, a adaptação das firmas vem-se dando predominantemente por meio da formação de redes, com um elevado nível de relações comerciais entre elas, as quais fortaleceram significativamente os mecanismos de subcontratação de tarefas entre empresas sediadas em diferentes países. A partir desta constatação, a análise aqui desenvolvida privilegia a apresentação da magnitude da indústria têxtil por meio de informações estatísticas que mostram os principais produtores, estru-

tura produtiva, as relações de comércio, entre outros, destacando a posição do Brasil no cenário internacional.

A seção 3 trata do desempenho do segmento têxtil no Brasil em um contexto de maior concorrência internacional e abertura de mercados, destacando a dimensão e as transformações recentes ocorridas no segmento têxtil brasileiro. Para tanto, são enfatizadas a distribuição geográfica e as relações com o setor externo, em especial o deslocamento de firmas entre regiões e o padrão de comércio internacional com o qual essa indústria vem-se envolvendo.

2 – A CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTEL MUNDIAL

A indústria têxtil vem sendo estudada, em grande medida, com base na abordagem de complexo industrial, segundo a qual a articulação entre seus vários segmentos envolvendo aspectos técnicos inerentes a cada atividade é posta em evidência. É importante frisar que as relações existentes entre suas diferentes atividades dão sentido à dinâmica competitiva da indústria têxtil. Ou seja, os “sinais” emitidos por uma delas podem percorrer o caminho tanto para frente quanto para trás e, o que é mais importante, conduzir a indústria a uma determinada trajetória tecnológica (SOUZA, 2000). Seguindo a noção de complexo, as relações a montante dessa indústria ocorrem com indústrias fornecedoras de insumos, como as indústrias química e mecânica, passando pelo núcleo (fição, tecelagem, malharia e confecção) e evoluindo nas relações a jusante com a esfera de distribuição aos consumidores (setor de serviços).

No caso do Brasil, níveis mais elevados de competitividade no segmento da fição, especialmente nas fibras naturais, como a de algodão, vêm sendo sustentados em certa medida, a exemplo de países da Ásia, por uma mão-de-obra relativamente barata. Entretanto, um dos principais determinantes da competitividade está justamente nas formas de relacionamento entre as empresas integrantes dessa indústria, e não simplesmente na competência individual de cada firma. Essas novas formas de relacionamento podem ser encontradas nas seguintes posições:

- a) os setores de varejo, confecções e têxteis são crescentemente ligados como um canal através de relações de informação e distribuição;

- b) para os fabricantes de têxteis e confecções, a chave para o sucesso é a habilidade de introduzir elos de informação sofisticados, capacidades de previsão e sistemas de administração – isto é, gestão de cadeia de fornecimento;
- c) a fábrica pode gerar benefícios competitivos só se outras mudanças mais fundamentais na gestão da cadeia de fornecimento tiverem sido previamente introduzidas; e
- d) mesmo com a plena implantação do GATT, uma indústria de confecção e têxtil viável pode continuar na América do Norte, se apoiando em um leque de processos produtivos nos Estados Unidos, Canadá, México, Caribe e a América Latina. Isto vai requerer forte e crescentemente sofisticada capacitação em gestão da cadeia de fornecimento (PROCHNIK, 2002, p. 6).

Essa comunicação mais intensa entre as firmas e os segmentos que compõem a indústria têxtil tem-se fortalecido nos últimos anos, como se percebe nas estratégias de venda em redes de supermercado e lojas de fábrica, influenciando diretamente o grau de ampliação do espaço comercial dos produtos vendidos. Nas lojas de fábrica (*shopping centers* atacadistas), o contato com o cliente atacadista tem sido cada vez mais valorizado, à medida que funciona como canal de comunicação e, portanto, como um *feed-back* entre o consumidor final e as confecções. Os gostos e as preferências dos consumidores são também assimilados pelos representantes comerciais e repassados diretamente às confecções. Dessa forma, o fortalecimento das relações das diversas atividades até o consumidor final tem um efeito de retroalimentação na cadeia produtiva, o que, por sua vez, dita a dinâmica da indústria, promovendo maior competitividade.

Essas formas organizacionais, as quais valorizam a integração das atividades de uma indústria, vêm-se consolidando e sinalizando uma nova tendência de competição na indústria. Embora a *performance* de cada segmento da indústria têxtil seja importante, mais ainda o são as suas inter-relações, com maior intensidade nas atividades de ponta, ou seja, mais próximas dos consumidores – confecção e distribuição –, as quais contribuem para a dinâmica inovativa, a exemplo do que ocorre nos países mais desenvolvidos.

As indústrias, de modo geral, vêm passando por importantes transformações nas últimas décadas, em nível mundial, principalmente no tocante às mudanças tecnológicas e à crescente globalização e formação de blocos regionais de comércio, as quais se constituem nos elementos centrais no processo de mudança. Por um lado, as mudanças tecnológicas representam expressivos incrementos de produtividade, o que, por sua vez, é um requisito necessário para redução dos custos e, conseqüentemente, maior poder de competitividade. Por outro lado, essa competitividade tem sido crescentemente intensificada com o aumento do comércio intrabloco, no qual os países procuram utilizar-se das vantagens comparativas de custo. Tanto as mudanças tecnológicas quanto o aumento do comércio intrabloco são utilizados pela indústria têxtil, a qual procura reunir os avanços técnicos com a oferta de mão-de-obra barata de alguns países periféricos, principalmente no segmento da confecção.

Segundo Gorini (2000), o poder competitivo de países periféricos (países da Ásia) forçou os norte-americanos e europeus a introduzirem um novo padrão de concorrência, baseado não apenas em preços, mas principalmente em qualidade, flexibilidade, diferenciação de produto, bem como em organização do comércio intrabloco, utilizando-se, inclusive, da subcontratação em nível mundial.

O que está surgindo claramente como forma econômica predominante no complexo têxtil e de vestuários dos Estados Unidos e do México são redes de empresas que interligam diferentes tipos de firmas em agrupamentos ou nós industriais e atravessam as fronteiras do país e do setor. Em vez da performance de empresas individuais, essas redes da América do Norte é que serão a chave para a futura competitividade do México e dos Estados Unidos no setor de vestuário como um todo (GEREFFI, 1998 *apud* GORINI, 2000, p. 21).

Esse dinamismo do complexo têxtil é atribuído às novas formas da organização industrial, principalmente no que se refere à formação de redes de firmas, alianças, entre outras. De acordo com Gorini (2000), as redes transnacionais centradas nos fabricantes² se constituem num dos mecanismos de transformação da indústria têxtil. “Es-

² Entre os maiores fabricantes, estão a Dupont (EUA), com 18% de participação da capacidade produtiva mundial, seguida pela Formosa (Taiwan) e Kosa (EUA), com 13,79% e 10,81%, respectivamente. O *ranking* das 14 maiores empresas mundiais e suas respectivas participações de capacidade produtiva podem ser encontrados em Prochnik (2002, p. 45).

tas empresas possuem grande poder sobre as empresas a jusante da cadeia e, no mercado da moda, são elas que criam as dinâmicas de inovação” (PROCHNIK, 2002, p. 45). No entanto, juntamente com as transnacionais encontram-se as redes centradas nos varejistas, caracterizadas por estratégias de venda, a exemplo da Wal Mart, cujas lojas de departamentos e lojas de fábricas têm proporcionado uma maior dinâmica ao setor³.

Parece que essas novas formas de organização industrial vêm-se consolidando nos países desenvolvidos, ou pelo menos indicando uma nova tendência de competição da indústria têxtil no mercado mundial. As densas relações entre fornecedores e consumidores permitem caracterizá-las como produção integrada, materializando, portanto, a formação de cadeias produtivas mundiais, como tais, incorporando arranjos e sistemas produtivos locais. Ademais, esse fenômeno implica processos de subcontratação de mão-de-obra e de transferência tecnológica, visando a ganhos de competitividade em nível mundial. Assim, essa organização industrial tem dado uma nova dinâmica à indústria têxtil, contribuindo para o aumento da produção mundial, principalmente nos países desenvolvidos. O fato de a indústria americana liderar a produção de fios e filamentos, nos anos de 1997 e 2001, apesar da redução, seguida pelos países da Ásia⁴, ilustra essa avaliação, como se observa na Tabela 1.

Embora se observe a maior importância da produção americana de fios e filamentos, destaque deve ser dado à superioridade dos países asiáticos na produção de tecidos, cuja participação no mercado mundial aumentou de 61,4% para 67,3% no período⁵, enquanto a dos EUA se reduziu de 19% para 9%. Tendência semelhante pode ser observada na produção de malhas, apesar de os dados referentes à China não estarem disponíveis. No seu conjunto, os países da Ásia passaram de uma produção de 11.895 milhões de toneladas em 1997 para 18.384 milhões de toneladas em 2001. No que se refere às malhas especificamente, mesmo com parte das informações não disponível, pode-se observar um declínio da produção dos EUA e um aumento da produção chinesa (PROCHNIK, 2002).

Mais do que isso, atenção deve ser dada no período recente à clara superioridade dos países asiáticos, em particular a China, resultante de uma expansão bastante agressiva nos mercados internacionais, associada a um ritmo de crescimento do PIB bastante superior à média mundial. Com uma taxa de crescimento bastante elevada (10% a.a. nos últimos dois anos) a economia chinesa se tornou foco de atenção não apenas por exercer forte atração a investidores ao redor do mundo, mas por se apresentar como um competidor imbatível, especialmente no mercado de manufaturas. Essa posição tem sido sustentada tanto por um regime cambial altamente estimulador

Tabela 1 – Maiores produtores têxteis do mundo, 1997 e 2001 (em mil toneladas)

PAÍS	FIOS/FILAMENTOS		TECIDOS		MALHAS	
	1997	2001	1997	2001	1997	2001
EUA	6.319	6.158	3.733	2.522	922	557
China	4.926	5.633 ⁽¹⁾	5.630	7.446 ⁽¹⁾	n.d.	n.d.
Índia	3.837	4.061	2.528	4.551	550	952
Taiwan	3.595	3.849 ⁽¹⁾	1.070	3.322 ⁽¹⁾	241	177
Correia do Sul	2.064 ⁽¹⁾	3.000 ⁽¹⁾	1.813 ⁽¹⁾	2.500 ⁽¹⁾	n.d.	n.i.
Paquistão	1.562	1.627 ⁽¹⁾	1.017	1.400 ⁽¹⁾	n.d.	n.i.
Japão	1.315	1.007	854	565	151	103
Brasil	1.261	1.581	837	1.182	430	487
Turquia	866	905	420	792	n.d.	n.i.
Alemanha	649	569	324	279	59	65
Outros	1.926	4.333	1.146	2.766	256	138
Total	28.320	31.142	19.372	27.325	2.609	2479

Fonte: Gorini (2000), para o ano de 1997; ABIT (2003) para o ano de 2001; Adaptado pelos autores.

Notas: (1) estimativa; (n.d.) não disponível; (n.i.) não informado.

³ Gorini (2000) acrescenta que as redes transnacionais conseguem melhor inserção em mercados protegidos (por via de quotas de importação, taxação e outras) por meio de suas subsidiárias.

⁴ Estão incluídos China, Índia, Taiwan, Coréia do Sul e Japão.

⁵ O Japão é exceção, pois, no período analisado, apresentou uma redução de 33,8% na produção de tecidos.

das exportações, quanto por um nível de remuneração da força de trabalho abaixo do que predomina nos demais mercados. Conseqüentemente, as indústrias nas quais essas vantagens se manifestam mais claramente são aquelas intensivas em mão-de-obra, como têxteis e calçados, cujos impactos nos mercados importadores são mais perceptíveis⁶. Nesse contexto, muitas empresas têm recorrido a estratégias de *outsourcing* através do investimento no exterior, inclusive na própria Ásia, e de busca de matéria-prima no exterior, como forma de compensar as desvantagens frente aos novos competidores.

Apesar do avanço das economias asiáticas, o Brasil, no contexto mundial dos produtores têxteis, ocupava a oitava posição no ano de 1997 e passou à sexta em 2001, no segmento de fios e filamentos, principalmente através das fibras naturais⁷. No que se refere à produção de tecidos, o Brasil também melhorou sua posição, passando de oitavo para sétimo maior produtor. Quanto ao setor de malhas, o país vem mantendo a terceira posição entre os maiores produtores mundiais durante o período de 1997 a 2001 (Tabela 1).

No que se refere ao comércio internacional, deve ser destacada a observação de Gorini (2000), sobre uma crescente relação de parceria entre empresas de países diferentes. Assim, no caso do setor de confecções, essa elevada participação relativa das economias em desenvolvimento nas exportações mundiais, simultânea a uma elevada participação relativa das economias desenvolvidas nas importações, sugere o fortalecimento de parcerias por meio da subcontratação de grandes empresas dos países desenvolvidos com empresas menores dos países em desenvolvimento. A mão-de-obra relativamente mais barata, principalmente nos países geograficamente próximos dos países desenvolvidos, como é o caso do

México, tem-se tornado um forte elemento a viabilizar esse tipo de integração.

Segundo Hammond *apud* Prochnik (2002, p. 6), os sistemas de produção integrados funcionam entre países situados próximo geograficamente, principalmente aqueles que são considerados grandes centros consumidores, como é o caso dos EUA. Para Gorini (2000), essas redes de empresas operam nesses países, e as formas de subcontratação entre empresas de países diferentes parecem indicar as tendências da nova forma de organização industrial.

No caso do Brasil, semelhante aos produtos têxteis, o setor de confecções apresenta uma participação reduzida e declinante no comércio mundial, tanto nas exportações quanto nas importações (PROCHNIK, 2002). Suas exportações tiveram uma evolução negativa, passando de 0,24% em 1995 para 0,17 em 2000, enquanto a participação das importações diminuiu de 0,30% para 0,11% no mesmo período, revelando, pois, uma participação insignificante da indústria têxtil no comércio mundial. No entanto, embora haja uma reconhecida necessidade de maior participação no comércio mundial, a indústria têxtil não é a única a se manter praticamente restrita ao mercado interno.

Segundo Arienti e Campos (2003), a inserção da economia brasileira no comércio mundial nos anos 1990 foi muito baixa, contrariando as expectativas de que a abertura econômica por si poderia proporcionar uma maior participação do país no comércio mundial, principalmente no que se refere às exportações. Na verdade, essa redução só não foi maior devido ao desempenho das exportações agrícolas, o que, por outro lado, implicou uma inserção regressiva da economia no comércio mundial. Esse baixo grau de inserção internacional da indústria têxtil brasileira acaba conduzindo a atividade prioritariamente para o mercado interno, em particular no segmento de confeccionados⁸, em grande parte determinado pela qualidade das fibras naturais e da mão-de-obra relativamente barata⁹.

No que diz respeito às fibras, verifica-se que a demanda mundial, tanto das naturais quanto das químicas,

⁶ O Yuan tem sido mantido num nível extremamente desvalorizado, mesmo após a valorização efetuada em julho de 2005 de 2,1%, que acabou por se elevar posteriormente em apenas 1% frente ao Dólar. Com isso, a pressão internacional, liderada pelos Estados Unidos, tem-se intensificado, tendo em vista seus efeitos na balança comercial de outros países. A se manter esse quadro, é possível até mesmo que retaliações no campo do comércio sejam feitas na forma de barreiras tarifárias (CHINA'S..., 2006). Por outro lado, a China vem adotando uma estratégia comercial de diversificação de seus mercados, exatamente como forma de driblar possíveis retaliações no campo comercial de um ou outro país (AVANÇO..., 2006).

⁷ É importante fazer uma ressalva no sentido de alertar que essa destacada posição mundial não é verificada no comércio internacional, conforme apresentado a seguir, pois a maioria absoluta da produção é direcionada ao atendimento do mercado interno.

⁸ Um dos principais motivos das reduzidas exportações desse segmento diz respeito às dificuldades encontradas na escala produtiva.

⁹ Supõe-se que o mercado interno esteja satisfatoriamente bem-atendido em função da baixa participação relativa das importações no comércio internacional.

vem crescendo ano após ano (Tabela 2). A partir de meados dos anos 1990, a demanda mundial aumentou em 20,8%, passando de 50,2 milhões de toneladas, em 1995, para 60,4 milhões de toneladas no ano de 2000, apesar da redução em 2001 para 59,2 milhões de toneladas. Destaque deve ser dado para uma evolução mais acentuada das fibras sintéticas, que passaram de aproximadamente 22,8 para 32,0 milhões de toneladas, no período de 1995 a 2000, representando um aumento de 40,3%. Tanto as fibras naturais como as artificiais se mantiveram praticamente com as mesmas quantidades demandadas. Como consequência, as fibras naturais perderam participação relativa para as fibras sintéticas nos anos 1990, reduzindo sua importância de 49,3% em 1995 para 42,1% em 2001¹⁰. Essa tendência de substituição de fibras naturais pelas sintéticas pode prejudicar a futura competitivi-

dade da indústria têxtil brasileira, tendo em vista seu reconhecido predomínio e competência nas fibras naturais, ao contrário do que ocorre com as sintéticas.

O algodão, principal fonte de matéria-prima das fibras naturais, é considerado uma cultura comercial de grande importância econômica, tendo sua produção mundial, na safra 2000/2001, atingido mais de 19 milhões de toneladas (ABIT, 2002). No entanto, menção deve ser feita à produção da China (4,3 milhões de toneladas), dos Estados Unidos (3,8 milhão), da Índia (2,5 milhões) e do Paquistão (1,8 milhão), os quais, em conjunto, respondem por mais de dois terços da produção mundial (Tabela 3)¹¹.

O principal consumidor de algodão no mundo é a China, num total de cerca de 5,0 milhões de toneladas

Tabela 2 – Evolução da demanda mundial de fibras têxteis⁽¹⁾ e participação relativa: 1995–2001 (em percentuais)

Ano	NATURAIS ⁽²⁾		ARTIFICIAIS ⁽³⁾		SINTÉTICAS ⁽⁴⁾		TOTAL
	Quantidade	Part. %	Quantidade	Part. %	Quantidade	Part. %	
1995	24.719	49,3	2.684	5,3	22.780	45,4	50.183
1996	24.888	47,8	2.854	5,5	24.346	46,7	52.088
1997	25.140	45,4	2.923	5,3	27.354	49,4	55.417
1998	24.390	43,9	2.792	5,0	28.434	51,1	55.616
1999	25.346	43,6	2.628	4,5	30.171	51,9	58.145
2000	25.693	42,5	2.755	4,6	31.991	52,9	60.439
2001	24.900	42,1	n.d.	-	n.d.	-	59.200

Fonte: ABIT (2002) para o período de 1995-2000; ABIT (2003) para o ano de 2001; Elaborado pelos autores.

Notas: (1) – Em mil toneladas; (2) – Inclui algodão, lã, juta, rami, linho e seda; (3) – Inclui fio mais monofilamento, fibra cortada mais cabo e cabo para filtro; (4) – Inclui fio mais monofilamento, fibra cortada mais cabo; (n.d.) não disponível.

Tabela 3 – Estoque inicial, produção, importação, consumo, exportação e estoque final de algodão por país, por ordem de consumo: 2000/2001 (em mil toneladas)

PAÍS	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
China	3.256	4.355	109	5.008	109	2.603
Índia	1.041	2.460	305	2.874	11	921
EUA	854	3.749	7	2.025	1.502	1.083
Paquistão	574	1.764	33	1.698	131	542
Turquia	180	762	337	1.089	33	157
Brasil	340	849	218	947	87	373
Demais países	2.682	5.121	4.895	6.316	3.861	2.521
TOTAL	8.927	19.060	5.904	19.957	5.734	8.200

Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA. Elaboração: ABIT (2002); elaborado pelos autores.

¹⁰ A demanda pelas fibras químicas (artificiais e sintéticas) para o ano de 2001 foi de 34,5 milhões de toneladas. No entanto, não se encontram disponíveis as quantidades demandadas individualmente, o que, por sua vez, impossibilita análises sobre a participação relativa.

¹¹ Apesar de alguns países não serem expressivos no consumo (ordem pela qual foi construída a Tabela) e, portanto, não aparecerem entre os 6 países de maior consumo, isso não significa que suas produções sejam desprezíveis. Nesse caso, dois países se destacam na produção e na exportação. O Uzbequistão produziu, na safra 2000/2001, 936 mil toneladas e exportou 784 mil. A Austrália igualou a produção e a exportação na casa de 740 mil toneladas, o que a coloca entre os dez maiores países produtores de algodão.

anuais (Tabela 3). A Índia e os EUA ocupam a segunda e a terceira colocações, com um consumo de 2,9 e 2,0 milhões de toneladas, respectivamente. O Brasil, na safra de 2000/01, ocupou a sexta posição, no que se refere ao consumo, e a quinta quanto à produção, com 947 e 849 mil toneladas respectivamente¹². De certa forma, o Brasil se constitui em um dos principais países produtores e consumidores de fibra de algodão do mundo, o que, por sua vez, o coloca em lugar de destaque no complexo têxtil internacional.

De maneira geral, foi observado que os países desenvolvidos, como os EUA e o Japão, se destacam principalmente na produção de têxteis, enquanto países em desenvolvimento, principalmente os da Ásia (Taiwan, China e Coréia do Sul) se destacam na produção de confeccionados. Este fato parece ocorrer em função da característica heterogênea da indústria têxtil, dividida, por um lado, na produção de fios/filamentos e têxteis (tecelagem e malharia) e, por outro, na produção de confeccionados. No primeiro caso, a estrutura industrial é mais intensiva em capital, com elevadas barreiras de custo à entrada e, no segundo, mais intensiva em mão-de-obra, com as pequenas e médias empresas atuando principalmente por meio da subcontratação.

Essas evidências foram apontadas por Gorini (2000), destacando um novo padrão de concorrência, baseado principalmente em qualidade, flexibilidade e diferenciação de produto. Além disso, observa-se uma maior organização do comércio intrabloco, reunindo, por um lado, avanço tecnológico (principalmente na fiação e tecelagem) por parte dos países desenvolvidos e, por outro, mão-de-obra barata (confeções) nos países em desenvolvimento. Exemplo disso, segundo o autor, pode ser identificado no interior do Nafta, onde “os Estados Unidos exportam tecidos pré-cortados e outras matérias-primas para o México, que fica responsável pela confecção e re-exportação para o mercado norte-americano, em condições de acesso privilegiadas” (GORINI, 2000, p. 20).

A estrutura da indústria têxtil mundial é bastante heterogênea. Ou seja, no mesmo setor, coexistem empresas com índices de custo e de eficiência bastante diversos entre si. De modo geral, o setor é composto por

uma grande maioria de pequenas empresas com níveis de eficiência e de volume de exportações menores, se comparadas com poucas grandes empresas (PROCHNIK, 2002, p. 39). Entretanto, o fato de a indústria têxtil ser tradicionalmente pouco dinâmica ofusca aqueles setores, principalmente os ligados à moda, que realmente dinamizam e impulsionam a evolução de toda a cadeia. Na verdade, tem-se uma indústria segmentada, com dinâmicas distintas, influenciadas principalmente pela produção integrada e subcontratação, de acordo com uma nova forma de organização industrial, a qual busca não somente vantagens comparativas no comércio mundial, mas também ganhos de eficiência com novas relações de produção no âmbito internacional, especialmente sob a forma de subcontratação.

Esse perfil da indústria têxtil indica não somente relações internacionais entre firmas buscando vantagens comparativas, mas também formas de organização marcadas por uma dinâmica conjunta dos diferentes segmentos que a compõem. Isto é, as diferentes estruturas produtivas, tanto as mais intensivas em capital quanto as intensivas em mão-de-obra, se tornam partes da mesma dinâmica. Desta forma, a prevalecer a tendência de redes de firmas para além das fronteiras nacionais, associada à intensificação das relações nos segmentos da indústria têxtil, principalmente através da subcontratação de etapas de atividade, pode estar sendo desenhada uma estrutura produtiva em forma de “cadeias produtivas” em nível mundial.

3 – O PANORAMA DA INDÚSTRIA TÊXTEL NO BRASIL

3.1 – A Caracterização da Indústria Têxtil

A análise da indústria têxtil brasileira deve levar em consideração os aspectos conjunturais da economia nos anos 1990, principalmente aqueles relacionados com a política cambial, além da evolução da cultura do algodão, principal fonte de matéria-prima dessa indústria. Por um lado, a indústria têxtil se encontrava sucateada e com níveis muito baixos de produtividade, dado o alto nível de proteção. A rápida abertura comercial, no início dos anos 1990, provocou um processo de reestruturação no setor, levando inclusive à eliminação de muitas empresas que não tiveram êxito no processo de ajuste. As empresas sobreviventes, por sua vez, passaram a direcionar seus esforços em busca de melhorias, visando elevar seu ní-

¹² No caso da importação, os países que mais se destacam em nível mundial são: Indonésia (544 mil ton.), México (457 mil ton.), Rússia (392 mil ton.), Tailândia (348 mil ton.) e Itália (316 mil ton.).

vel de competitividade no mercado internacional. O Plano Real, estruturado em torno da valorização da moeda nacional e da abertura comercial, expôs o setor à concorrência com os produtos importados, principalmente dos países da Ásia, os quais, além de subsídios à produção, contam com um custo muito reduzido da mão-de-obra.

Por outro lado, o algodão, principal insumo da fiação natural, foi afetado negativamente pela inexistência de uma política agrícola específica, além de vantagens desfrutadas por culturas rivais, como soja e milho, para as quais as condições macroeconômicas não foram tão nocivas. Portanto, a decisão do agricultor de plantar o algodão leva em consideração as expectativas de rentabilidade relativa entre as culturas, na qual a política cambial tem uma influência decisiva. Embora esses aspectos tenham afetado fortemente o crescimento da indústria têxtil no Brasil, o peso desta no PIB e na geração de emprego não deve ser ignorado (Tabela 4).

A indústria têxtil possui características bastante heterogêneas do ponto de vista de sua estrutura de mercado. Alguns segmentos apresentam maior intensidade de capital, com poucas firmas de grande porte, enquanto outros segmentos são constituídos por muitas firmas de pequeno e médio porte e intensivas em mão-de-obra.

Analisada de forma desagregada, a indústria têxtil pode ser subdividida em quatro subgrupos (setores) – tecelagem, malharia, fiação e confecções –, dentre os quais o último sobressai em vários indicadores. Por exemplo, possui maior valor da produção, tendo alcançado US\$ 22,7 bilhões em 1999, embora tenha reduzido no ano de 2002 para US\$ 17,4 bilhões (Tabela 5). Mesmo assim, possui um valor de produção próximo de três vezes superior aos demais. No que se refere ao mercado de trabalho, o setor de confecções também se destaca por ter empregado 1,1 milhão em 2002, sustentado por um número expressivo de unidades produtivas. Outro aspecto que distingue o segmento de confecções diz respeito à sua maior proximidade do mercado consumidor final, permitindo que seus agentes captem mais facilmente as alterações dos gostos e das preferências dos consumidores através de seus canais de comercialização. O “*timing*” da percepção e da implementação de novos modelos tem de ser mais preciso, influenciando diretamente a dinâmica do setor produtivo e inovativa das atividades.

O desempenho da indústria têxtil nacional, no período de 1990 a 1998, manteve-se praticamente estável. Segundo o Banco do Nordeste (1999), a variação do valor da produção foi de -0,7%, cujo maior impacto negativo ocorreu nos postos de trabalho, levando a uma redução

Tabela 4 – Dimensões da indústria têxtil e indicadores selecionados no Brasil (2002)

RECEITA BRUTA (EM BILHÕES DE US\$)		EMPREGOS (EM MIL FUNCIONÁRIOS)	
Têxteis básicos	12,6	Têxteis básicos	298,7
Confeccionados	17,4	Confeccionados	1.134,8
Total da cadeia ⁽¹⁾	18,0	Total da cadeia	1.433,5
PIB industrial	170,5	Emprego industrial	12.855,8
Participação (em %)	10,6	Participação (em %)	11,2
PIB geral	451,0	População Econ. Ativa	84.325,4
Participação (em %)	4,0	Participação (em %)	1,7

Fonte: ABIT (2003).

Nota: (1) Representa a receita bruta gerada pela indústria da confecção e as receitas estimadas com comercialização de fios, tecidos e aviamentos ao varejo.

Tabela 5 – Dimensões da indústria têxtil, por subgrupos, no Brasil (1999 e 2002)

	FIAÇÃO		TECELAGEM		MALHARIA		CONFECÇÃO	
	1999	2002	1999	2002	1999	2002	1999	2002
Unidades produtivas	389	363	439	431	3.098	3.261	17.378	17.766
Empregados ⁽¹⁾	88,8	76,2	96,9	94,7	112,31	99,8	1.204,1	1.134,8
Produção ⁽²⁾	1.209	1.245	840	1.218	414	475	1.218	1.381
Valor da produção ⁽³⁾	3,6	3,1	6,9	7,1	3,1	2,5	22,7	17,4

Fonte: ABIT (2003) e elaborado pelos autores.

Notas: (1) em mil; (2) em mil toneladas; (3) em bilhões de dólares.

do número de empregados em 63,5%, enquanto o número de unidades fabris diminuiu em 28%. Esse desempenho repercutiu também na balança comercial da indústria têxtil, fazendo com que as exportações se reduzissem em 19,6% e as importações aumentassem em 314,5%. Esse desempenho é fruto do processo de ajuste ocorrido na indústria brasileira, principalmente na primeira metade dos anos 1990.

No início da década, frente à combinação de abertura comercial e forte recessão, a maioria das empresas empreendeu um ajuste defensivo, caracterizado por significativo aumento de produtividade via redução de pessoal, maior eficiência do processo produtivo (introdução de inovações organizacionais e melhoria dos sistemas de qualidade), terceirização de atividades e especialização da produção (focalização nos 'core businesses'), assim como pelo crescimento das importações de insumos (HAGUENAUER *apud* PROCHNIK, 2002, p. 30).

Com a retomada do crescimento da economia, a partir de 1993, aprofundaram-se os esforços com vistas ao aumento de produtividade, ampliando-se também as importações de equipamentos, o que será discutido à frente.

No processo de reestruturação da indústria têxtil, nos últimos anos, o setor que sofreu menor impacto no número de empresas foi o de malharia (Tabela 6), em função de um conjunto de fatores favoráveis. Por um lado,

esse setor utiliza mais fios (fibras químicas) e, por outro, está voltado mais diretamente ao mercado interno, principalmente às regiões mais frias do país (Sul e Sudeste). Os segmentos de fiação e tecelagem tiveram praticamente a mesma redução no número de empresas (em torno de 70%), enquanto o de confecções decresceu 6,6%.

Embora o número de empresas da indústria têxtil tenha se reduzido, com exceção das empresas de malharia, as remanescentes melhoraram a capacidade produtiva, tanto do ponto de vista do aumento do número de máquinas quanto pela utilização de máquinas mais eficientes, reduzindo a idade média das máquinas utilizadas nessa indústria e elevando o padrão tecnológico do equipamento utilizado.

Ao analisar a evolução quantitativa do maquinário utilizado nessa indústria nos anos 1990, verifica-se que o total de unidades permaneceu praticamente estável¹³ (Gráfico 1). No entanto, pode ser observado claramente que o total de máquinas aumentou significativamente no ano de 1995, chegando a 1.054 máquinas, principalmente em função do aumento das importações, estimuladas por políticas cambiais favoráveis. Ao longo do período, a produção nacional decresceu 39,7%, enquanto as importações cresceram 20,2%.

Tabela 6 – Evolução do número de empresas da indústria têxtil, por área de atuação no Brasil (1990-2002)

ANO	FIAÇÃO	TECELAGEM	MALHARIA	CONFECÇÃO
1990	1.179	1.458	2.246	n.d.
1991	1.123	1.428	2.308	n.d.
1992	990	1.264	2.239	n.d.
1993	954	1.183	2.076	n.d.
1994	939	1.083	2.147	n.d.
1995	661	986	3.019	n.d.
1996	617	834	2.891	n.d.
1997	550	682	2.830	19.014
1998	427	521	2.932	19.009
1999	389	439	3.098	17.378
2000	360	434	3.195	18.797
2001	360	425	3.250	18.438
2002	363	431	3.261	17.766
D% 02/90	-69,2	-70,4	45,2	-6,6

Fonte: Gonçalves e Souza (1998) para o período de 1990 a 1996; ABIT (2003) para o período de 1997 a 2002; adaptada pelos autores.

Nota: (n.d.) não disponível.

¹³ Passou de US\$ 684 milhões em 1990 para US\$ 638 milhões em 2000 (decréscimo de 6,7%).

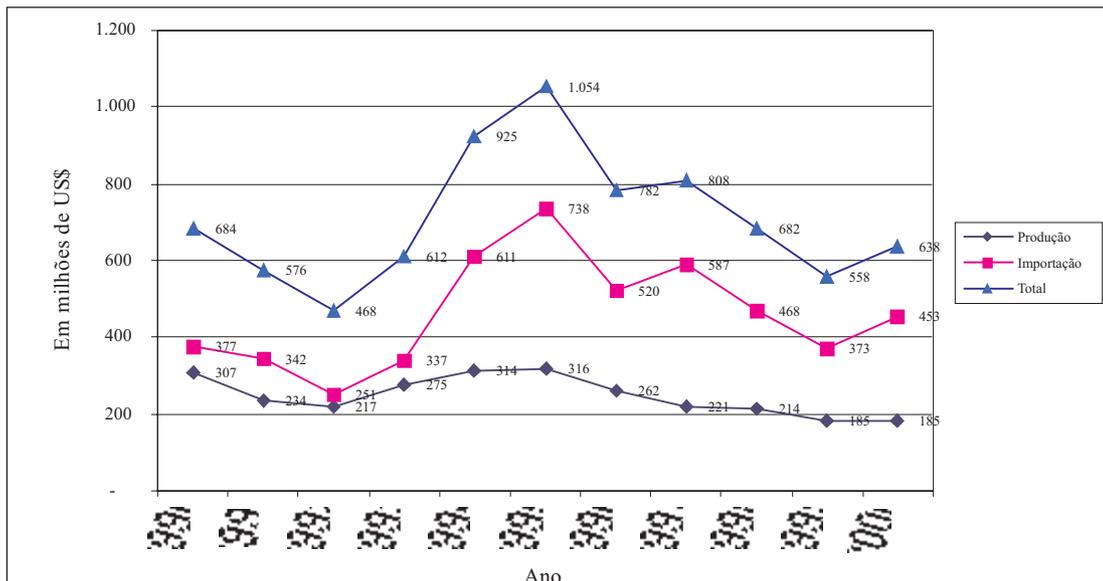


Gráfico 1 – Produção, importação e total de máquinas têxteis no Brasil (1990-2000)

Fonte: Prochnik (2002).

O aumento das importações de máquinas têxteis, principalmente no período de 1993 a 1995, provocou dois efeitos. O primeiro, relativo à elevação do nível tecnológico da indústria, com máquinas mais modernas e produtivas (inovação mecânica), resultando em maior competitividade em seus respectivos setores, particularmente na tecelagem. É importante destacar, porém, que as inovações mecânicas são de origem externa. Ou seja, as importações acabam por promover a renovação do equipamento utilizado, de acordo com a dinâmica de inovação conduzida pelas empresas estrangeiras.

O segundo efeito, decorrente do anterior, foi a redução da idade média das máquinas e equipamentos. A redução mais acentuada foi verificada no setor de confecção numa média de 72,7%, principalmente entre as máquinas de costura reta (-76,0%). Nesse setor, no entanto, é que se verifica a menor idade média das máquinas, com uma média de 2,2 anos, com mínima variância entre elas no ano de 1999 (Tabela 7).

O setor de tecelagem, embora tenha apresentado uma redução de 74,4% na idade média do tear a jato de ar, foi o que apresentou a menor variação na idade média das máquinas (-29,8%), principalmente pela constante idade média do tear a jato de água. Vale destacar ainda que a maior idade média entre todas as máquinas está no tear de lançadeira, com 18,8 anos. No setor de malharia, a

máquina do tipo Kettenstulh foi a que obteve maior redução da idade média (-66,7%), seguida pelas máquinas do tipo Raschel e Retilínea (-58,3% e -57,3%, respectivamente). No setor de fiação, foram os rotores que mais tiveram reduzida a idade média (-45,6%), conforme Tabela 7. Entretanto, na relação entre a idade média dos fusos e a dos rotores, a média continuou três vezes maior para os fusos.

Tanto a redução do número de empresas (Tabela 6) quanto da idade média dos equipamentos utilizados (Tabela 7) são resultantes do ajuste pelo qual tem passado a indústria têxtil brasileira, em busca de maior competitividade num mercado mundial cada vez mais aberto e integrado. No entanto, existem outros fatores que influenciavam a competitividade, entre os quais, segundo Gorini e Siqueira (1998), destacam-se os custos da mão-de-obra, ambiente controlado (temperatura, umidade, limpeza), melhor preparação (bobinagem, urdimento, engomagem) e nível de qualificação da mão-de-obra¹⁴.

3.2 – Distribuição Geográfica da Indústria Têxtil Brasileira

A distribuição regional da indústria têxtil em seus diferentes segmentos revela não apenas a importância das regiões, mas também um movimento migratório das firmas entre elas. Percebe-se assim que, nos

¹⁴ Para uma análise detalhada sobre essa questão, ver Prochnik (2002, p. 35-36).

Tabela 7 – Idade média em anos e variação % de máquinas da indústria têxtil no Brasil, por segmentos (1990-1999)

	1990	1998	1999	Δ% 90-99
Fiação				
Fusos	15,4	9,3	9,3	- 39,6
Rotores	5,7	3,1	3,1	- 45,6
Tecelagem				
Tear de pinça	9,7	6,6	6,1	- 37,1
Tear a jato de ar	3,9	1,0	1,0	- 74,4
Tear a jato de água	1,0	0,9	1,0	0,0
Tear de Projeto	8,6	6,8	6,7	- 22,1
Tear de lançadeira	22,2	19,4	18,8	- 15,3
Malharia				
Circular	9,8	7,5	7,3	- 25,5
Retilínea	10,3	4,4	4,4	- 57,3
Kettensthul	9,6	3,2	3,2	- 66,7
Raschel	8,4	3,5	3,5	- 58,3
Confecção				
Costura reta	9,6	2,6	2,3	- 76,0
Overloque	8,3	2,8	2,5	- 69,9
Interloque	6,2	2,0	1,8	- 71,0
Corte	8,4	2,5	2,2	- 73,8

Fonte: Gorini (2000); adaptado pelos autores.

setores de fiação, há uma predominância da região Nordeste, com 495,6 mil toneladas (39,8%), seguida da região Sudeste, com 463,5 mil toneladas (37,2%), conforme Tabela 8. Na tecelagem, a ordem se inverte: a região Sudeste possui um predomínio absoluto, com uma participação relativa de 63,1% do total, o que representa 768,9 mil toneladas, seguida pela região Nordeste, com 263,7 mil toneladas (21,6%). Já no setor de malharia, destaca-se a região Sul, com 264,8 mil toneladas, representando 55,7% da produção total, seguida da região Sudeste, com 150,6 mil toneladas (31,7%). A região Sudeste, no setor de confecções, concentra a maior parte da produção nacional, com 4,9 bilhões de peças, representando 52,6% do total, seguida pela região Sul, com aproximadamente 2,5 bilhões de peças (26,7%). A região Sudeste lidera nos setores de tecelagem e confecções, seguida pela

região Nordeste, nos setores de fiação, e pela região Sul, no setor de confecções. A região Sul lidera no setor de malharia (55,7%), seguida pela Região Sudeste (31,7%), invertendo as posições no que se refere ao setor de confecções, no qual a região Sudeste possui 52,6% e a região Sul, 26,7% (Tabela 8).

Analisando a evolução da composição da indústria têxtil, observa-se uma diminuição da importância da região Sudeste, notadamente nos setores de fios e confecções durante a década de 1990, apesar de sua maior participação relativa nos setores de fiação, tecelagem e confecção. A região Sul apresentou, exceto no segmento de tecidos, tímido aumento nos demais segmentos. Em contrapartida, a região Nordeste mostrou melhor desempenho, pois aumentou sua participação percentual em todos os elos da cadeia, especialmente no setor de ma-

Tabela 8 – Produção física nacional (em mil toneladas) e participação relativa (em %) da indústria têxtil, por grupos, segundo região (2002)

REGIÕES	FIAÇÃO		TECELAGEM		MALHARIA		CONFECÇÕES ⁽¹⁾	
NE	495,7	39,8	263,7	21,6	53,1	11,2	1.131,7	12,0
SD	463,5	37,2	768,9	63,1	150,6	31,7	4.975,8	52,6
SL	280,2	22,5	152,3	12,5	264,8	55,7	2.523,6	26,7
OUTRAS ⁽²⁾	5,8	0,5	33,4	2,8	6,8	1,4	828,3	8,7
TOTAL	1.245,2	100,0	1.218,3	100,0	475,3	100,0	9.459,4	100,0

Fonte: ABIT (2003).

Notas: (1) Em milhões de peças; (2) Refere-se aos valores e participações relativas das regiões Norte e Centro-Oeste

Tabela 9 – Evolução da participação das regiões na produção de têxteis no Brasil (1990-2002)

ELOS DA CADEIA	SUDESTE				SUL			
	1990	1997	2000	2002	1990	1997	2000	2002
Fios	55,2	47,0	42,6	37,2	17,2	18,8	21,7	22,5
Tecidos	65,6	61,9	62,0	63,1	12,8	14,1	13,7	12,5
Malhas	39,9	36,1	35,2	31,7	55,7	53,5	53,5	55,7
Confecções	66,6	62,4	56,1	52,6	21,6	20,0	25,4	26,7
	NORDESTE				OUTRAS ⁽¹⁾			
Fios	24,9	33,0	35,4	39,8	2,7	1,2	0,3	0,5
Tecidos	17,6	21,1	21,5	21,6	4,0	2,9	2,8	2,8
Malhas	2,8	9,2	10,0	11,2	1,6	1,2	1,3	1,4
Confecções	8,0	9,1	11,3	12,0	3,8	8,5	7,2	8,7

Fonte: Prochnik (2002) para os anos de 1990 e 2000; ABIT (2003) para os anos de 1997 e 2002.

Nota: (1) Refere-se às participações relativas das regiões Norte e Centro-Oeste, as quais são quase sempre inexpressivas.

lhas, passando de 2,8% para 11,2% da produção nacional (Tabela 9).

A produção física muitas vezes está relacionada com as vantagens competitivas locais e (ou em consequência de) políticas setoriais governamentais de incentivo a determinadas atividades. Nesse caso, as regiões Sudeste, Sul e Nordeste foram as que melhor se beneficiaram de políticas setoriais durante os anos 1990, as quais foram implementadas mais intensamente em 1995 e no biênio de 1997/98 (Tabela 10).

A região Sudeste, que possuía maior participação relativa nos setores de fiação, tecelagem e confecção (43,0%, 58,4% e 58,0%, respectivamente, conforme Tabela 8) em 1999, foi contemplada com o maior volume de recursos concedidos pelo sistema BN-

DES à cadeia têxtil nos anos 1990 (Tabela 10). A região Sul vem na seqüência, tendo apresentado maior participação relativa no setor de malharia (58,2%) no ano de 1999 (Tabela 8). No entanto, no que diz respeito aos desembolsos do BNDES, a partir de 1994, a região Sul passou a receber quantidades menores desses recursos, se comparada com a região Nordeste¹⁵ (Tabela 10). Esta, por sua vez, mesmo apresentando baixa participação relativa, obteve aumento percentual em todos os elos da cadeia no período de 1990 a 2000 (Tabela 9), recebendo ao mesmo tempo crescentes recursos do BNDES. Cumpre destacar ainda que, após o pico de 1998, enquanto as demais regiões viam reduzir-se os recursos vindos do BNDES, a região Nordeste praticamente dobrava seu recebimento em 1999 (Tabela 10).

Tabela 10 – Evolução dos desembolsos do sistema BNDES⁽¹⁾ à cadeia têxtil por regiões (1990 a 2000)

ANO	SUDESTE	SUL	NORDESTE	CENTRO-OESTE	NORTE	TOTAL
1990	49,38	52,02	17,02	1,74	-	120,16
1991	59,33	35,40	6,04	2,68	-	103,45
1992	48,06	30,29	23,34	2,52	0,13	104,34
1993	44,17	33,03	31,45	0,33	0,03	109,01
1994	47,90	54,57	58,30	0,72	-	161,49
1995	84,23	118,58	132,09	4,80	-	339,70
1996	41,64	33,11	77,09	0,15	-	151,99
1997	182,15	41,66	98,47	0,62	0,03	322,93
1998	248,00	69,04	50,02	0,70	0,01	367,77
1999	141,74	29,52	93,59	-	-	264,85
2000	103,85	57,77	64,01	0,61	-	226,24
Total	946,60	497,22	587,41	14,26	0,20	2.045,69

Fonte: ABIT (2002).

Nota: (1) em milhões US\$.

¹⁵ A exceção é o ano de 1998.

Essas evidências contribuem para o entendimento da maior participação relativa da região Nordeste em todos os segmentos da indústria têxtil nos anos 1990 (Tabela 8). Isso mostra a importância das políticas direcionadas ao desenvolvimento de setores que detêm algum tipo de vantagem competitiva local, possibilitando maior integração entre as atividades e aprofundando as relações que proporcionam maiores ganhos de eficiência. Isso se torna relevante, especialmente num contexto em que a condução da política macroeconômica restringe as oportunidades de desenvolvimento industrial e, conseqüentemente, a capacidade de competir de amplos setores da economia brasileira. Assim é que, exatamente a partir da execução de políticas orientadas para a indústria local, aquela região passa a reunir condições para consolidar sua importância não somente em fiação e tecelagem, mas também nos demais setores da indústria têxtil brasileira.

3.3 – As Relações Externas da Indústria Têxtil

A indústria têxtil sofreu fortemente com a abertura comercial no início dos anos 1990 e com a valorização cambial a partir da implantação do Plano Real, passando de um superávit na balança comercial no início dos anos 1990 para uma situação de déficit ao longo da segunda

metade da década de 1990 (Gráfico 2). Essa inversão, associada particularmente à valorização cambial, deu-se muito mais em função de aumento das importações do que de redução das exportações.

Outro aspecto decisivo para essa situação deficitária da balança comercial da indústria têxtil foi inicialmente a abertura comercial, a qual, segundo Oliveira (1997), revelou a obsolescência do setor, a gestão empresarial pouco dinâmica e o protecionismo reinante até o início dos anos 1990, resultando num nível de custos acima dos padrões internacionais. Além disso, a redução dramática do cultivo da cultura algodoeira implicou aumento das importações de fibras. Entretanto, se a valorização cambial estimulou a importação de matérias-primas mais baratas, por outro lado, possibilitou também a entrada maciça de produtos confeccionados, principalmente oriundos da Ásia. Isso levou essa indústria, entretanto, a exemplo de outros segmentos industriais, a se submeter a um processo de reestruturação empresarial e organizacional em busca de competitividade tanto nacional quanto internacionalmente. Porém, fica evidente que o câmbio tem sido determinante dos níveis de competitividade do setor. Assim é que, com a desvalorização cambial – 1999 e 2000 – a indústria mostrou sinais de recupe-

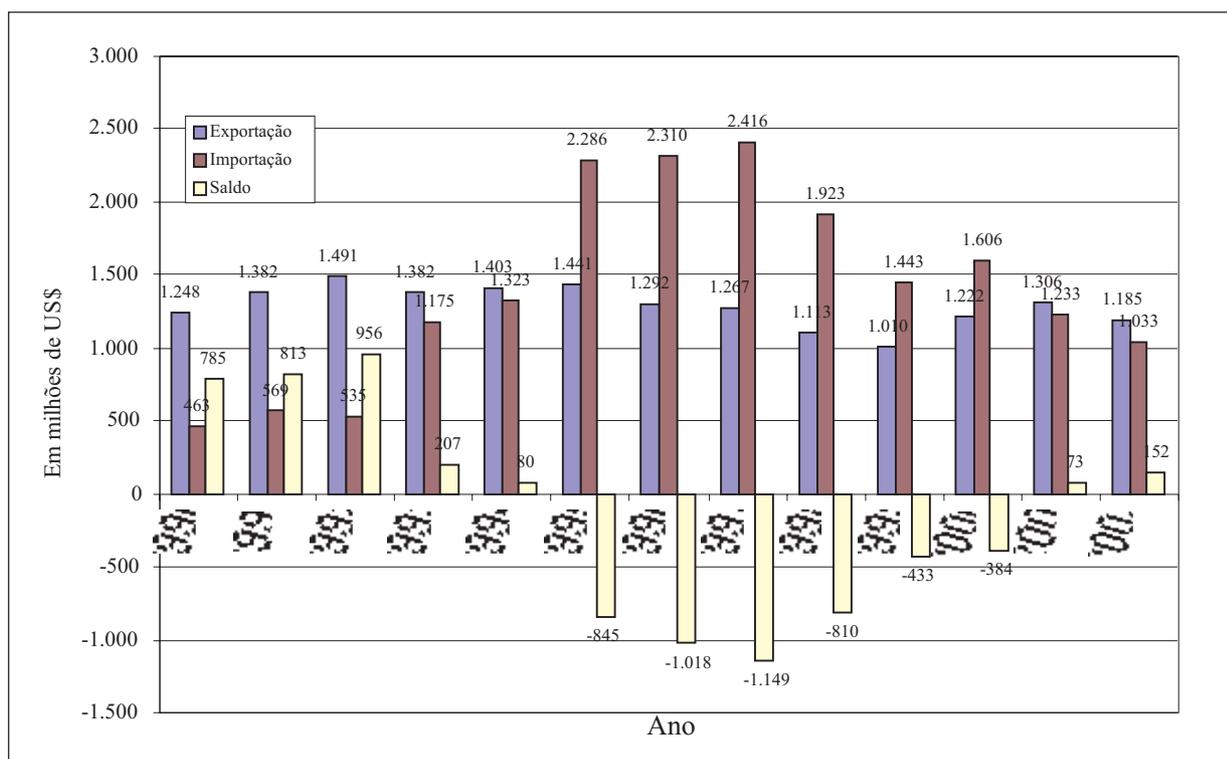


Gráfico 2 – Evolução das exportações, importações e saldo comercial da indústria têxtil no Brasil (1990-2002)

Fonte: ABIT (2002; 2003); Elaborado pelos autores.

ração, reduzindo seu déficit na balança comercial nos anos de 2001 e 2002.

No que se refere à inserção da indústria têxtil brasileira no mercado mundial, tem-se que as exportações brasileiras se mantiveram praticamente constantes nos anos 1990, conforme Gráfico 2, graças ao bom desempenho no comércio com a Argentina e com os EUA, os quais juntos absorveram 50% das exportações brasileiras no ano de 2000 (Tabela 11).

Esse aumento da participação relativa, tanto das exportações quanto das importações, revela a ocorrência de um padrão de comércio intra-industrial, considerando um

movimento comercial relativamente intenso dentro da mesma indústria. Associado a isso, percebe-se uma grande incidência do comércio bilateral, o qual reforça a tendência de trocas entre firmas da indústria têxtil brasileira com empresas americanas e argentinas, resultando no ano de 2000 num índice de 0,91 e 0,63, respectivamente¹⁶.

Por outro lado, se o comércio mundial é importante, parece que a formação de blocos comerciais também tem sido fundamental. No caso do Brasil, segundo Arienti e Campos (2003), mesmo com a adversidade da política de valorização cambial, após a implantação do Plano Real, a participação das exportações totais brasileiras no Mercosul apresentou um crescimento de 65,3% no período.

Tabela 11 – Destino das exportações brasileiras de têxteis e participação relativa (em %) em 2000

PAÍS	QUANTIDADE (EM MIL US\$ FOB)	PARTICIPAÇÃO %
Argentina	342.851	28,1
Estados Unidos	267.973	21,9
Colômbia	59.160	4,8
Chile	58.297	4,8
Alemanha	52.511	4,3
Paraguai	51.688	4,2
Japão	45.935	3,8
Uruguai	44.376	3,6
Bolívia	30.867	2,5
Canadá	25.771	2,1
Outros	242.641	19,8

Fonte: ABIT (2002).

Tabela 12 – Origem das importações brasileiras de têxteis e participação relativa (em %) em 2000

PAÍS	QUANTIDADE (EM MIL US\$ FOB)	PARTICIPAÇÃO %
Estados Unidos	254.284	15,8
Argentina	217.938	13,6
Coréia do Sul	145.287	9,1
Taiwan	144.878	9,0
Paraguai	81.951	5,1
Itália	71.408	4,5
China	60.831	3,8
Uruguai	47.501	3,0
Indonésia	39.046	2,4
Espanha	38.853	2,4
Outros	504.133	31,4

Fonte: ABIT (2002).

¹⁶ Segundo Krugman e Obstfeld (1999), o índice (coeficiente) pode variar de 0,0 (zero) a 1,0 (um). Quanto mais próximo de 1,0, mais intenso é o comércio intra-indústria, e quanto mais próximo de 0,0, menor é a sua intensidade. Além disso, uma análise mais detalhada bem como um estudo de caso podem ser encontrados nessa mesma referência.

do de 1990/93 a 1997/99¹⁷, passando de 9,8% para 16,2%. O comércio com países integrantes de outros blocos regionais, por sua vez, vem-se mantendo estável, indicando, portanto, que o comércio intra-bloco assume uma importância crescente.

Essa tendência é também observada na indústria têxtil, conforme já destacado por Gorini (2000). A tendência de recuperação do saldo comercial da indústria têxtil brasileira foi bastante influenciada pelas relações comerciais com os demais integrantes do Mercosul, no período de 1996 a 2000. Esse resultado não está sendo conquistado através do aumento das exportações – as quais praticamente mantiveram-se constantes –, mas, sim, pela redução das importações de aproximadamente 50% (Tabela 13). Essa melhora pode ser fruto de uma reestruturação organizacional do setor, aliada a fatores favoráveis, como a desvalorização cambial nos últimos anos, o que permitiu maior competitividade da indústria têxtil brasileira.

Analisando especificamente o comércio intrabloco, fica claro um predomínio da Argentina comparada ao Paraguai e ao Uruguai, tanto nas exportações quanto nas importações (Tabela 13). Enquanto no ano de 2000 o saldo da balança comercial da indústria têxtil com o resto do mundo era negativo, no Mercosul, ele já se apresentava positivo em US\$ 91,5 milhões, em função dos resultados comerciais com a Argentina.

Portanto, a evolução do saldo comercial após a implementação do Plano Real, tornando-se crescentemente negativo, reflete a sensibilidade dessa indústria ao comportamento do câmbio e, por extensão, à condução da política macroeconômica. Assim é que seu processo de recuperação, a partir de 1997, invertendo a tendência do saldo da balança comercial, se torna mais intenso a partir de 2001, quando superávits comerciais são conquistados. Para tanto, foram importantes tanto as relações de comércio no interior do Mercosul quanto a mudança no regime cambial a partir de 1999.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura produtiva da indústria têxtil vem sendo marcada, nos últimos anos, por novos padrões de concorrência e caracterizada pela subcontratação, numa divisão de trabalho em que os países desenvolvidos desempenham tarefas mais sofisticadas, notadamente as de criação e *design*, enquanto países em desenvolvimento, com abundância de mão-de-obra barata, especializam-se na fabricação das roupas. Nesse tipo de organização industrial e de divisão internacional do trabalho, foi possível verificar que a produção nacional dessa indústria, estruturada em diferentes formas de aglomeração, torna-se parte integrada de cadeias produtivas organizadas mundialmente. Esse quadro da indústria têxtil mundial e brasileira nos anos 1990 permite constatar a forma integrada de produção,

Tabela 13 – Evolução da balança comercial têxtil⁽¹⁾ com o Mercosul (1996-2000)

Países / ano	EXPORTAÇÕES				
	1996	1997	1998	1999	2000
Argentina	279.171	352.156	348.999	306.296	342.851
Paraguai	72.198	75.045	66.427	48.412	51.688
Uruguai	56.144	54.448	52.109	45.047	44.377
Total	407.513	481.649	467.535	399.755	438.916
	IMPORTAÇÕES				
Argentina	417.319	454.587	345.954	291.650	217.938
Paraguai	185.868	100.062	87.449	72.642	81.951
Uruguai	91.049	114.403	86.308	53.254	47.501
Total	694.236	669.052	519.711	417.546	347.390
	SALDO COMERCIAL				
Argentina	-138.148	-102.431	3.045	14.646	124.913
Paraguai	-113.670	-25.017	-21.022	-24.230	-30.263
Uruguai	-34.905	-59.955	-34.199	-8.207	-3.124
Total	-286.723	-187.403	-52.176	-17.791	91.526

Fonte: ABIT (2002).

Nota: ⁽¹⁾ em mil US\$ FOB.

¹⁷ Tanto 1990/93 quanto 1997/99 se referem às médias geométricas anuais.

especialmente através da subcontratação, baseada na exploração de vantagens comparativas locais.

Diante desse contexto, esta análise teve como objetivo desvendar as principais transformações dessa indústria e sua inserção nos mercados nacional e mundial tendo em vista uma conjuntura de transformações nas formas de organização industrial, na qual a competitividade passa a ser fortemente influenciada pela existência de um ambiente cooperativo estruturado pelas firmas.

A indústria têxtil brasileira vem alcançando uma participação mais expressiva na produção mundial, ocupando a oitava posição enquanto produtor de fios/filamentos, a sétima posição como produtor de tecidos e a terceira posição como produtor de malhas. No entanto, sua participação no comércio internacional, considerando as exportações e importações, é ainda inexpressiva (0,71% e 0,88%, respectivamente), tanto em função de níveis ainda insuficientes de competitividade quanto da vigência de um grau de abertura insuficiente das relações comerciais dessa atividade. Mais especificamente nos anos 1990, essa indústria, após passar por um declínio permanente do saldo da balança comercial até 1997, mostrou sinais de recuperação, conquistando, a partir de 2001, superávit na balança comercial da indústria têxtil brasileira. Para isso contribuíram, além da cultura do algodão, a reorientação da política cambial e o desenvolvimento de estratégias das empresas para superar um ambiente de grande desvantagem frente aos novos competidores internacionais.

Em relação à configuração espacial da indústria têxtil brasileira, percebeu-se que não houve alterações significativas nos anos 1990. A região Sudeste continuou a deter maior participação relativa nos setores de fiação, tecelagem e confecção, enquanto a região Sul se destacou no setor de malharia. Ênfase deve ser atribuída à região Nordeste, que, embora ainda conte com baixa participação relativa, foi a que mais cresceu nos últimos anos em todos os segmentos da indústria.

Por outro lado, percebe-se a formação de um segmento heterogêneo, composto por poucas grandes empresas ligadas a atividades mais intensivas em capital e muitas MPMEs especializadas em tarefas mais intensivas em mão-de-obra. Neste contexto os ganhos de eficiência têm chamado a atenção, especialmente através das economias externas geradas pela estruturação de sistemas produtivos integrados locais, cuja dinâmica tem atraído a

atenção de estudiosos e de formuladores de políticas regionais e setoriais. Em vista disso, o maior dinamismo do setor de confecção pode resultar numa maior participação relativa dessa indústria no comércio mundial.

Abstract

This paper aims to analyze Brazilian and mundial textile industry and its recent transformations through relations of partnership and subcontract which have become determinants of its competitiveness and integration of firms at the international level. It contains a productive synthesis of the vision of complexes and chains and its manifestation in this sector. It presents the "state of the art" related to the dynamic competitiveness of this industry, as much in national level as world-wide. It evidences the new dynamics of competition by means of new forms of industrial organization and the main involved countries in this process. It shows to the performance of the textile segment in Brazil in the context of bigger international competition and opening of market. It detaches the occurred dimension and recent transformations in the Brazilian textile segment, emphasizing its geographic distribution and the relations with the external sector, the displacement of firms between regions and the standard of international trade with which the national companies confront. It concludes that after try a decline in the 1990's, this industry recovers from 2001, but its space configuration remains unchanged, with the Southeastern region occupying the first position in the wiring sectors, weaving and confection, while the South region, in the one of cotton. In other hand the industry of the Northeast region was the one with biggest growing in all the segments.

Key words:

Textile industry; Spinning; Weaving; Jersey; Ready-made clothing.

REFERÊNCIAS

ABIT. Disponível em: <<http://www.abit.org.br>> Acesso em: 16 nov. 2002.

_____. **Relatório setorial da cadeia têxtil brasileira**, São Paulo, v. 3, n. 3, set. 2003.

ARIENTI, P. F. F.; CAMPOS, A. C. Uma análise crítica do modelo de crescimento econômico brasileiro da década de 90. **Pesquisa & Debate**, São Paulo, v. 14, n. 23, p. 36-59, 2003.

AVANÇO da Ásia inquieta a América Latina. **Valor Econômico**, São Paulo, 03 abr. 2006, p. A6.

BANCO DO NORDESTE. O segmento de malharia da indústria têxtil do Nordeste. **Estudos Setoriais**, Fortaleza, n. 6, p. 74, 1999.

CAMPOS, A. C. **Arranjos produtivos no Estado do Paraná**: o caso do Município de Cianorte, Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Econômico, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

CHINA'S exchange rate: gently towards the heavens. **The Economist**, Londres, v. 379, n. 8471, p. 59-60, 2006.

GONÇALVES, J. S.; SOUZA, S. A. M. Estrutura atropelando a conjuntura: os problemas da comercialização do algodão brasileiro na safra 1997/98. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 28, n. 5, p. 49-53, mai. 1998.

GORINI, A. P. F. Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectiva. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 17-50, set. 2000.

GORINI, A. P. F.; SIQUIRA, S. H. G. Tecelagem e malharia. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 29-56, mar. 1998.

KRUGMAN P. R.; OBSTFELD, M. **Economia Internacional**: teoria e prática. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1999. p. 142-145.

OLIVEIRA, M. H. Principais matérias-primas utilizadas na indústria têxtil. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 71-109, mar. 1997.

PROCHNIK, V. **Estudos da competitividade de cadeias integradas no Brasil**: impactos das zonas de livre comércio. 2002. Disponível em: <<http://www.mcdt.gov.br>> Acesso em: 28 jan. 2003.

SOUZA, M. C. M. A produção de têxteis de algodão orgânico e o sistema agroindustrial convencional. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 83-104, 2000.

Recebido para publicação em 28.04.2005